

ASSOCIAÇÃO JUNGUIANA DO BRASIL – AJB
INSTITUTO JUNGUIANO DE SANTA CATARINA – IJUSC
PROGRAMA DE FORMAÇÃO DE ANALISTAS

Este *paper* é apresentado à direção de ensino, para avaliação do segundo semestre e como pré-requisito na formação de analista.

Candidata: Maraike Klimmek Marschall

Paper 2 – Florianópolis, 20 de fevereiro de 2025.

O sacrifício do analista: uma reflexão à luz da Psicologia Analítica

O processo terapêutico é uma jornada de transformação, tanto para paciente¹ quanto para analista². Enquanto o paciente atravessa suas próprias dificuldades, o analista se encontra em um caminho de contemplações, questionamentos e, muitas vezes, de sacrifício. Este sacrifício não se refere a uma renúncia literal, mas, sobretudo, a um despojamento do ego, permitindo que ele se torne um facilitador da transformação do paciente.

Existem diversas metáforas que representam esse processo de transformação, entre elas, uma das mais fascinantes, é a jornada do herói. Ela simboliza autoconhecimento, crescimento pessoal e autossuperação. O sacrifício e o herói são temas explorados por Jung ao longo de Símbolos da Transformação (OC 5), uma das suas obras mais intrigantes e um desafio significativo de estudo e compreensão enfrentado durante a formação de analistas.

Sendo assim, nos propomos a refletir sobre o significado do sacrifício e como ele pode ser entendido a partir da perspectiva do analista. A reflexão se torna intrigante, à medida em que está diretamente associada ao processo de individuação, uma experiência que todos podem³ vivenciar ao longo da vida e outro tema de estudo

¹ Neste *paper* serão considerados sinônimos: paciente e analisando.

² Neste *paper* serão considerados sinônimos: analista e terapeuta.

³ Embora a individuação seja um processo considerado essencial na jornada humana, nem todos o experimentam de maneira plena, devido à diversos fatores internos e/ou externos que podem impedir ou atrasar esse processo.

recorrente. Percebemos que para entrelaçar estas temáticas propostas, precisamos nos debruçar sobre conceitos que reconhecemos como relevantes.

É fundamental que para nos aprofundarmos no sacrifício, busquemos saber da sua origem. Em vista disso, consideramos que a palavra sacrifício tem sua origem etimológica no latim *sacrificium*⁴, mas que o seu significado é muito mais abrangente. O mais comum diz respeito a uma renúncia ou desistência de algo valioso em prol de algo ainda mais valioso e significativo, e um de seus usos mais antigos encontra-se na religião, onde objetos, animais ou humanos eram geralmente oferecidos em rituais para um deus ou outro poder sobrenatural⁵. Isto acontecia com o objetivo de receber algo grandioso em troca.

Um estudo⁶ de 2016, por exemplo, descobriu que os rituais de sacrifício antigos contribuíram para desenvolver civilizações complexas. Os pesquisadores analisaram culturas tradicionais de povos austronésios (sudeste asiático, ilhas do Pacífico, Madagascar e Nova Zelândia) e verificaram que o sacrifício humano era mais comum em sociedades em camadas ou níveis sociais diferentes do que em sociedades com menos hierarquia social, mais igualitárias. Ou seja, era uma forma de controlar e justificar o domínio de um grupo sobre os outros.

Posto isto, voltamos nosso olhar para a Psicologia Analítica. A definição de sacrifício neste contexto possui uma carga mais profunda e complexa. Ao falar sobre o tema, Jung considera que “No sacrifício o consciente renuncia à posse e ao poder, a favor do inconsciente. Isto torna possível uma união de opostos cuja consequência consiste numa libertação de energia.” (OC 5, §671) Neste sentido, compreendemos que sacrificar-se é um ato de abdicação de uma parte do ego ou de uma ideia arquetípica que já não serve ao desenvolvimento da psique, representando o processo de morrer para velhas formas de ser e dando lugar a um novo eu, mais autêntico e integrado.

O sacrifício também está relacionado ao inconsciente coletivo, que nessa esfera remonta a arquétipos primordiais, como o de Morte e Vida, o do Herói, e o da

⁴ Cf. Dicionário Etimológico. Disponível em: <<https://www.dicionarioetimologico.com.br/sacrificio/>>. Acesso em: 04. fev. 2025.

⁵ Cf. Encyclopædia Britannica. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/sacrifice-religion#ref66300>>. Acesso em: 11 fev. 2025.

⁶ Cf. American Association for the Advancement of Science. Disponível em: <<https://www.science.org/content/article/human-sacrifice-may-have-helped-societies-become-more-complex>>. Acesso em: 14 fev. 2025.

Grande Mãe. Tais arquétipos podem ser encontrados em mitologias, religiões e tradições culturais, e desempenham um papel vital na estruturação da consciência.

A temática de morte e vida, ou morte e renascimento, perpassa os diversos assuntos discutidos ao longo deste *paper*. Esse arquétipo dispõe de “[...] funções estruturantes dentro do dia a dia do processo existencial. Isto consiste em atender o novo e se desapegar do que já morreu porque, no momento ao menos, não serve mais.” (Buyington, 2019, p. 194). Isto significa dizer que, este é um dos arquétipos fundamentais do inconsciente coletivo, refletindo a interação entre opostos, como o novo e o velho e está diretamente relacionado ao processo de individuação, atravessando os diferentes estágios de autoconhecimento e transformação. O mito de Osíris⁷ exemplifica alguns destes aspectos: quando ele é sacrificado e morre, não é o fim, mas o princípio de um ciclo contínuo de transformações, simbolizando o renascimento e a renovação da vida.

Outro símbolo que emerge dos estudos sobre sacrifício está relacionado ao arquétipo da Grande Mãe: a dupla-mãe. Esse aspecto do arquétipo reflete uma figura materna ambivalente: por um lado, é aquela que dá à luz e nutre, proporcionando os cuidados iniciais que permitem o desenvolvimento do ser; por outro lado, a mesma mãe pode se tornar opressiva e destrutiva, caso a separação do filho não aconteça. Essa declinação da dependência materna é muitas vezes uma experiência angustiante e traumática, porque representa a perda da segurança e do apoio experimentados e “Não é muito fácil voltar do reino das mães.” (Jung, OC 5, §468) No entanto, esse desprendimento é necessário para que o indivíduo se torne consciente de si mesmo e consiga estabelecer sua própria identidade e para isso “[...] a relação com a mãe deve morrer, quase provocando a morte do próprio indivíduo.” (Jung, OC 5, §473) Isto significa dizer que, para o desenvolvimento e amadurecimento de um indivíduo, é necessário que haja um rompimento profundo na relação com a mãe, ou seja, um sacrifício.

Entendemos assim, que, o paradoxo da mãe, como uma figura que tanto nutre quanto destrói, reflete o ciclo natural da vida, uma representação indispensável no

⁷ Osíris era o deus egípcio da vida, da morte e da fertilidade. Foi traído e morto por seu irmão Set, deus do caos. Set o aprisionou em um sarcófago e o lançou no rio Nilo, onde seu corpo foi encontrado e embalsamado por sua esposa Ísis. Com o uso de magia, ela o ressuscitou temporariamente e concebeu seu filho Hórus. Depois novamente o perdeu quando Set desmembrou o seu corpo. Ísis, com ajuda de outras divindades, reuniu os pedaços e restaurou Osíris, que se tornou o deus do além, governando o reino dos mortos. (Blanc, 2021)

entendimento do sacrifício. Neste caso, a transformação pessoal é vista não como um progresso linear e contínuo, mas como um processo em espiral, de mortes e renascimentos, onde, “O momento da tomada de consciência, da separação entre sujeito e objeto, é um nascimento.” (Jung, OC 5, §501) Jung nomeou este caminho de individuação, que é

[...] precisamente a realização melhor e mais completa das qualidades coletivas do ser humano; é a consideração adequada e não o esquecimento das peculiaridades individuais, o fator determinante de um melhor rendimento social. [...] A individuação [...] só pode significar um processo de desenvolvimento psicológico que faculte a realização das qualidades individuais dadas; ou em outras palavras, é um processo mediante qual um homem se torna o ser único que de fato é. (Jung, OC 7/2, §267)

Assim, a individuação não pode ser considerada apenas uma fase da vida, mas deve acontecer ao longo da existência, visando equilibrar as polaridades psíquicas, levando o indivíduo a tornar-se quem realmente é. Também é mais uma das tantas metáforas para o sacrifício, onde o ego é sacrificado para que o Self possa se manifestar de forma mais autêntica.

O sacrifício também é parte do arquétipo do Herói. Ele se expressa em mitos, contos e nas nossas próprias vidas cotidianas. Um herói é geralmente uma pessoa que demonstra coragem, virtude e habilidades extraordinárias em situações desafiadoras ou adversas, o que resulta em uma transformação e, muitas vezes, em um benefício para a sociedade ou a humanidade. É a representação arquetípica da busca por autodescoberta e crescimento pessoal.

De acordo com Campbell (2023) essa narrativa, chamada de jornada do herói, segue um padrão cíclico de chamados, provas, quedas e renascimentos. No início, o herói é uma pessoa comum, mas, ao responder um chamado para a aventura, embarca em um processo de transformação profunda, e

[...] seja pequeno ou grande, e não importa o estágio da vida, o chamado sempre faz subir a cortina de um mistério de transfiguração – um rito, ou momento de passagem espiritual que, quando completo, leva a uma morte e a um nascimento. (Campbell, 2023, p.58-59)

Esse processo de mudança muitas vezes exige uma grande renúncia, uma troca entre o que o herói era antes e o que ele se tornará depois da jornada.

[...] o herói mitológico não é patrono das coisas que se tornaram, mas das coisas em processo de tornar-se [...] Da obscuridade, emerge o herói, mas o inimigo é poderoso e conspícuo na sede do poder [...] A façanha do herói é um constante abalar das cristalizações do momento. (Campbell, 1949, p. 364)

Isto significa dizer que, o herói é alguém que simboliza o processo contínuo de transformação e evolução.

Com isto, a relação entre o sacrifício do analista e a jornada do herói pode ser descrita como parte de um movimento profundo de reforma interna, em que analista e paciente precisam se sacrificar. Essa relação terapêutica não é unilateral, ao contrário, ela se dá em um espaço de co-criação e transformação mútua. Ao se comprometer com essa jornada terapêutica⁸, o analista participa de um movimento em que sua própria psique também é confrontada e modificada pelas forças psíquicas que o paciente traz à tona. Ele precisa reconhecer a profundidade e a vastidão da psique humana, renunciar ao controle associado ao poder da técnica, da autoridade ou da sabedoria intelectual, e permitir que o processo psíquico se desenrole de forma mais espontânea e profunda, o que muitas vezes significa sacrificar-se.

O analista se vê em constante negociação entre duas forças psíquicas: o ego, com suas limitações e sua identidade individual, e o Self, com seu potencial para a totalidade e integração. É uma dança constante. O ego do analista deve estar suficientemente estruturado para ser um ponto de referência para o paciente, mas também deve estar disposto submeter-se à sabedoria do Self, permitindo que o processo do paciente aconteça de maneira orgânica e não controlada. Portanto, na prática terapêutica, o analista serve não apenas como um facilitador do processo de individuação do paciente, mas também como um intermediário entre o mundo consciente e inconsciente, numa posição onde ele é tocado por símbolos que surgem na terapia.

[...] queiramos ou não, a relação médico-paciente é uma relação pessoal, dentro do quadro impessoal de um tratamento médico. Nenhum artifício evitará que o tratamento seja o produto de uma interação entre o paciente e o médico, como seres inteiros. (OC 16/1, §163)

⁸ Neste *paper* serão considerados sinônimos: jornada terapêutica, terapia, análise, processo terapêutico e prática terapêutica.

Isto quer dizer que, apesar de estar inserida em um contexto considerado impessoal, a relação analista-analisando é de fato uma relação bastante pessoal e transformadora.

Neste sentido, o analista está em uma posição paradoxal. Por um lado, deve estar suficientemente estruturado e consciente de seu ego para realizar sua função de guia, assessorando o paciente em sua jornada de autoconhecimento, mas por outro lado, precisa ser capaz de sacrificar o seu ego, permitindo que a relação terapêutica não seja guiada por suas próprias vontades ou por uma leitura unilateral da realidade, mas pelo fluxo simbólico e inconsciente que surge durante a análise. A reflexão sobre o sacrifício do analista torna-se, então, uma ferramenta de autoquestionamento contínuo: até que ponto o ego do terapeuta está moldando o processo terapêutico, e até que ponto ele está permitindo que o inconsciente se manifeste de maneira autêntica?

Com isso, o sacrifício pode ser visto como um caminho para a cura, onde o sofrimento é uma porta de entrada para a transformação psíquica. Ao invés de ser um mal a ser evitado, deve ser uma experiência necessária para o crescimento da psique, um convite para confrontar os aspectos inconscientes e ocultos.

Ademais, podemos fazer uma associação do sacrifício do analista com o mito de Prometeu. Conta a história que, Prometeu sacrifica-se ao roubar o fogo dos deuses e dá-lo à humanidade, trazendo luz, conhecimento e evolução para os seres humanos. Zeus resolve puni-lo e o acorrenta a uma rocha. Todos os dias uma águia devora seu fígado, que se regenera constantemente, um sofrimento eterno.

O mito envolve uma dupla relação de sacrifício: por um lado, a entrega do fogo à humanidade, e por outro, o sofrimento contínuo como consequência dessa oferta. Ele ilustra de maneira simbólica o sacrifício do analista. Assim como Prometeu, o analista se dedica ao bem-estar do analisando, oferecendo-lhe o "fogo" do entendimento e da transformação. Esse fogo pode ser entendido como conhecimento simbólico e capacidade de auxiliar na iluminação do inconsciente, proporcionando as condições necessárias para o processo de individuação. No entanto, assim como Prometeu é punido por sua generosidade, o analista também se envolve em um processo de desgaste, tanto emocional quanto psíquico, ao se expor ao sofrimento e às sombras. Trabalhar com o inconsciente de outro ser humano implica enfrentar questões profundas de aflição, angústia, e os aspectos mais sombrios da condição humana.

Dessa forma, entendemos que o analista deve realizar um tipo de autossacrifício, mantendo a clareza de que sua própria transformação pessoal está entrelaçada com a do paciente. Não é o mesmo sacrifício do passado, com derramamento de sangue, mas uma metáfora para a necessidade de renunciarmos à visão rígida e limitada do mundo e de nós mesmos. É uma tarefa árdua, pois implica no reconhecimento de limitações e vulnerabilidades pessoais que, por vezes, são dolorosas. É uma nova camada de complexidade. Neste contexto, não podemos esquecer que a supervisão, a análise pessoal, o estudo e principalmente a disponibilidade emocional se tornam os pilares fundamentais para podermos lidar com estas forças e limitações.

Tendo em vista as considerações sobre o sacrifício do analista, ressaltamos que ele faz parte do caminho que precisa ser percorrido, permitindo que uma parte de nós possa morrer, para que outra possa renascer e ser transformada. E só conseguimos continuar nesta metamorfose quando nos permitimos a descobrir o nosso mundo interno, “O mundo se origina quando o homem o descobre”. (Jung, OC 5, §652) Além disso, sabemos que o sacrifício é poderoso, é um caminho para uma grande transformação que resulta em um poder elevado, que se aproxima da sabedoria, da liberdade e da totalidade, que são qualidades comumente associadas apenas aos deuses. (Jung, OC 5)

Com isto, a proposta de refletirmos sobre o sacrifício da perspectiva do analista, nos coloca, sem dúvidas, em confronto com a complexidade multifacetada de estarmos frente a frente com um indivíduo, em um espaço onde não ocorre apenas uma relação terapêutica, mas um profundo processo alquímico. Enquanto nesta jornada o sacrifício é necessário, não apenas para salvar o mundo ou resgatar um tesouro escondido, é também um rito de passagem para o renascimento. Muitas vezes é o próprio analisando quem faz o chamado para a aventura, mas somos nós que escolhemos responder a este chamado, e “[...] a recusa é essencialmente negar-se a abrir mão daquilo que consideramos ser nosso próprio interesse.” (Campbell, 2023, p. 65) Ao rejeitarmos olhar para o sacrifício e suas possibilidades, impedimos o processo de morte e renovação.

Por fim, aos olhos da Psicologia Analítica, o sacrifício não é apenas um ato de entrega, mas em última instância, uma via poderosa e indispensável, para a transformação, tanto do paciente quanto do analista. O sacrifício se revela, assim, como uma condição necessária para o desenvolvimento da autonomia psíquica,

envolvendo a capacidade de renunciar ao ego e às pressões externas, para integrar os aspectos mais profundos e autênticos do Self. Devemos nos questionar se estamos dispostos a nos sacrificar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BYINGTON, Carlos Amadeu B. **O arquétipo da vida e da morte: Um estudo da Psicologia Simbólica**. Junguiana, São Paulo, v. 37, n. 1, p. 175-200, 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-08252019000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 fev. 2025.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1949.

_____, Joseph. **O herói de mil faces**. 1. ed. São Paulo: Palas Athena Editora, 2023.

JUNG, Carl Gustav. **A prática da psicoterapia (OC16/1)**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 6. reimpressão, 2017.

_____, Carl Gustav. **O eu e o inconsciente (OC7/2)**. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 4. reimpressão, 2018.

_____, Carl Gustav. **Símbolos da transformação (OC5)**. 9. ed., Petrópolis: Vozes, 16. reimpressão, 2021.

SACRIFÍCIO. *In*: **Merriam-Webster**. 2025. Disponível em: <<http://www.merriam-webster.com/dictionary/sacrifice>>. Acesso em: 04 fev. 2025.

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

BLANC, Cláudio. **O grande livro da mitologia egípcia**. Editora Camelot, 1ª. ed. 2021.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega (volume I)**. Petrópolis: Vozes, 1986.

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia: Histórias de deuses e heróis**. HarperCollins, 2. ed., 2017.

LEITE, Lourenço. **Do simbólico ao racional: ensaio sobre a gênese da mitologia grega como introdução à filosofia**. 2001.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo (OC9/1)**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 15. reimpressão, 2014.

PIERI, Paolo Francesco. **Dicionário Junguiano**. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulus, 2022.